



## (RE)VISITANDO SAUSSURE: MARCAS DA (NÃO) AUTORIA

Flávio Faccioni  
(UFMS–PPG/Letras)

*As marcas do movimento de Saussure na fundação da Linguística*, obra dedicada aos estudos linguísticos, em específico à obra de Ferdinand de Saussure e a fundação da Linguística como ciência, traz reflexões acerca das marcas deixadas por Saussure em seus manuscritos e obras. O livro, em seu todo, apoia-se no arcabouço teórico da análise do discurso de linha francesa, em particular da psicanálise Lacaniana, em que observa os lapsos e os resquícios do inconsciente nos arquivos deixados por Saussure e na obra que é atribuída a ele, o Curso de Linguística Geral. Nesta perspectiva, esta resenha segue, em seu desenvolver, a linha teórica da análise do discurso, atribuindo conceitos outros e associando-os à obra.

O texto é fruto do curso de doutorado em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem na Universidade Estadual de Campinas durante os anos de 1997 à 2003 e foi, posteriormente, adaptado ao livro que, neste momento, debruça-se e disserta-se. Logo, tratando de um texto tão importante para os estudos linguísticos, vê-se a importância de sua leitura e conhecimento dos manuscritos trazidos pela autora que, no deslanchar da escrita constroem verdades – utiliza-se a palavra verdade sob o olhar da análise do discurso que enxerga a verdade como subjetiva, desejosa, almejada pelo sujeito que, por meio dela, se constitui (FOUCAULT, 2003) –, criando (in)verdades à obra.

Eliane Mara Silveira, autora do livro, possui graduação em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (1992), mestrado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (1997) e doutorado em Linguística (2003) pela mesma instituição. A pesquisadora, ainda, em sua carreira, realizou estágio de pós-doutoramento na *Université Sorbonne Nouvelle* – França, concluído no ano de 2011. Atualmente é professora nos cursos de graduação e pós-graduação do curso de Letras na Universidade Federal de Uberlândia, em que se dedica aos estudos da análise do discurso e, sobretudo, as produções teóricas de Ferdinand de Saussure.



Para apresentar, de maneira completa a obra, faz necessário relatar como a obra está organizada, para que se observe o cuidado da autora ao produzir este material. Divido em três, o livro traz, logo em seu início uma “*Nota introdutória*”, em que Silveira (2007) apresenta como sua obra está organizada, os interesses, a fundamentação teórica e expõe, resumidamente, o que tratará em cada capítulo.

O primeiro capítulo, “*Uma edição chamada Curso de Linguística Geral*”, em que a autora cunha sobre a edição dos manuscritos de Ferdinand de Saussure – prós e contras, possibilitando (re)conhecer as marcas, inconscientes do estudioso nos materiais editados. “*O movimento de um linguista: Saussure entre o Indo-Europeu, os anagramas e a ordem própria da língua*”, alocado no capítulo dois, é dedicado a observação de Saussure enquanto sujeito constituído a partir da linguagem e, logo, por sua construção teórica partindo da gramática comparativa. E, por fim, “*Um palimpsesto entre o conserto e o desconserto*”, em que Silveira (2007) se dedica as análises das marcas de Saussure, as rasuras, repetições e (re)organizações, demonstrando a construção contínua do sujeito e suas (trans)formações. Vale destacar, aqui, que o sujeito é constituído na/pela linguagem, logo ele está sempre em transformação, visto que a linguagem está em todos os espaços Coracini (2011). É ela (a linguagem) que possibilita ao sujeito existir e identifica-se enquanto sujeito da linguagem.

Além dessa organização, a obra traz em seus findares, como apêndice, alguns manuscritos reais de Saussure e a transcrição de cada um deles. Silveira, durante o desenvolvimento de seu doutorado, esteve em Genebra e teve contato com os escritos de Saussure. Assim, a pesquisadora seleciona alguns trechos para realizar a análise e observar as marcas do genebrino na fundação da linguística. A partir de agora, explana-se mais sobre o primeiro capítulo, abordando as principais discussões e faz-se intersecções com textos da análise do discurso.

Ferdinand de Saussure pouco publicou sobre os estudos linguísticos, porém seus manuscritos, rasuras e arquivos outros somam quase dez mil folhas. Tais materiais se encontram, grande parte, na Universidade de Genebra – Suíça e outros poucos na Universidade de Harvard – Estados Unidos. Sua obra é concentrada, quase que totalmente, em cursos ministrados sobre a linguística o que gerou, após sua morte, juntamente com alguns manuscritos, o livro *Curso de Linguística Geral* (1916), editado por Charles Bally e Albert Sechehaye. A Edição (o uso desta palavra sugere ao leitor que Silveira (2007) valoriza o trabalho de Bally Sechehaye. Diferentemente, quando quer dar legitimidade ao dizer de Saussure, utiliza-se o nome do livro,



*Curso de Linguística Geral*), como prefere chamar Silveira (2007), é um compilado das anotações dos alunos de Saussure e dos manuscritos encontrados pelos seguidores. Estes materiais foram editados pelos alunos, passando, assim, pela subjetividade de cada sujeito. Neste sentido, observa-se que os editores (re)significaram os manuscritos, já que um discurso nunca terá os mesmos efeitos de sentido, pois é como um rio, corre e a linguagem é heterogênea, passando pelo inconsciente dos editores e, assim, (re)significada. Entretanto, não se retira a autenticidade do material, visto que há rastros da escritura no “tecido” utilizado por Saussure. Sobre a escrita e inscrição de si, consultar *A farmácia de Platão* (DERRIDA, 2005).

Entre a dualidade da publicação e da não publicação, Silveira (2007) disserta sobre dois tipos de Saussure, o diurno e o noturno. O “Saussure diurno” é o Saussure das aulas, dos cursos, ou seja, aquele que deu origem ao *Curso de linguística Geral*. Os cursos saussurianos tiveram grande difusão, já que suas influências foram compiladas, por meio das subjetivações dos alunos, no *Curso de Linguística Geral*, por isso Silveira (2007), em seus lapsos, se refere ao curso como Edição. Observa-se que a utilização do termo diurno faz referência ao sol, a claridade, logo a transparência do que se fala. “Saussure noturno”, remete ao obscuro, ao resguardado, protegido [...], é o Saussure dos manuscritos, pouco destrinchado e estudado, e que muito não se descobriu e, por isso, está adormecido.

À Balley e Secheyay, os editores, não são dados todos os reconhecimentos merecidos e, em tempos, foram colocados como Judas, (usa-se no sentido de traidores, conforme foram julgados por autores outros. Silveira (2007) não faz essa atribuição aos editores). Mas porque a fundação da Linguística é dada apenas a Saussure se os editores fizeram todo o processo de publicação? Assim, observa-se a complexidade da edição do *Curso de Linguística Geral*, primeiramente por parte das declarações dos editores sobre o caráter “fugido” (assim como Silveira (2007) disserta em seu texto, dada a dificuldade da compilação do manuscritos e anotações, os editores podem cometer subjetivações nas edições realizadas) das anotações de Saussure e, em segundo lugar, o efeito da edição nos destinos da linguística. Os editores, como afirma Harris (2001 *apud* SILVEIRA, 2007) estavam dispostos a inserir as palavras exatas usadas por Saussure, porém não hesitam em realizar correções. Logo, a tarefa de Silveira (2007) é problematizar a Edição e não os autores, assim como fez Bouquet (2000).

Após a publicação do *Curso de Linguística Geral* houve, e ainda há, grande repercussão sobre o material, a edição e a veracidade das teorias ali apresentadas. Os adjetivos perpassam desde



a crítica até os exímios elogios. Mas, não resta dúvida, de que o Curso de Linguística Geral plantou a semente do estruturalismo, remetendo a Saussure o título de “Pai do Estruturalismo”. Segundo Benveniste (1991 apud Silveira, 2007, p. 19) “Não há um só linguista hoje que não lhe [a Saussure] deva algo”, ou seja todo trabalho de carácter linguístico passa pela obra de Saussure, ou, pelo menos, se constitui de partes dela, (re)significando-se da/pela Edição de Bally e Sechehaye (1916).

É fato que a Edição deixa marcas - rastros discursivos e escritas de Saussure e dos autores, já que há um movimento das ideias e, de certa forma, uma reprodução e/ou (re)significação da linguagem que chegam aos leitores são ecos discordantes, mas também deixam marcas do *Curso de Linguística Geral*, pois, de alguma maneira, há a inscrição de si (Saussure) na escrita da Edição, já que a escrita nunca será apagada de um tecido. Salienta-se que os efeitos de sentido, segundo Coracini (2007) e Orlandi (1991) são resultados do entrelaçamento entre interlocutores, uso da língua e condições de produção, assim, para estas, utiliza-se a palavra “sentido” no singular.

Neste sentido, observa-se que a heterogeneidade da linguagem é ressaltada em Derrida (2005), visto que a linguagem nunca exercerá a mesma função para sujeitos distintos, ela será, a todo momento, múltipla. Isso se dá por conta da (bi) utilidade do *phármakon* (remédio e veneno, o efeito depende do sujeito receptor e da utilização), em que, por meio do léxico, que é inesgotável, se torna multifacetado e *poli*, engendrando diversas possibilidades de uso, neste caso de interpretação. Pensando por esta vereda, a escritura se regenerará e se (re)significará conforme sua utilização como *phármakon*, pois a cada instante e com as evoluções ela desempenhará funções arbitrárias. Eis, então, a relação de marcas e inscrições de si na obra *Curso de Linguística Geral*, em que, por meio de marcas e movimentos, Silveira (2007) observa a inscrição de Saussure.

Derrida (2005) em *A farmácia de Platão* disserta sobre a (re)construção de sentidos em um texto a partir dos sujeitos. Esta afirmação está, também, presente no texto de De Mauro (1986 apud SILVEIRA, 2007) que, para ela, o *Curso de Linguística Geral* passou por uma ressignificação, por meio do inconsciente dos editores. As ressignificações, comentadas por Derrida (2005) e por De Mauro (1986 apud SILVEIRA, 2007), são ecos discursivos que sopraram nos ouvidos dos editores que, por fim, são constituídos enquanto novo texto. Logo, os ecos (rasuras, anotações, manuscritos [...]) soprados por Saussure chegam aos editores que, assim, tecem a Edição. Neste sentido, Milner (1987) atribui à língua o espaço de atuação do inconsciente:

E por isso, também, que ela constitui igualmente substância, matéria possível para as fantasias \fantasmes\, conjunto inconsistente de lugares para o desejo — a



língua é, desse modo, aquilo que o inconsciente pratica, prestando-se a todos os jogos imagináveis para que a verdade, no compasso das palavras, fale\*.  
(MILNER, 1987, p. 22)

Saussure é constituído da (in)certeza, da ação do inconsciente, conforme salienta Milner (1987). Silveira (2007), em suas observações, pontua que muitos dos manuscritos analisados em Genebra estavam rasurados, ou com palavras substituídas, o que leva a pesquisadora a ver Saussure em processo de constituição. Sabe-se que o sujeito é constituído na/pela linguagem e essa o constitui, assim o indivíduo passa, durante toda sua vida, por constituições, renovando-se e modificando-se com o tempo e com as interlocuções. Por tal motivo, Silveira (2007) e Bally e Sechehaye (1916) atribuem a Saussure (in)certezas teóricas, já que estava em constante formação e constituição.

Dentre as marcas de Saussure observadas na Edição, pontua-se a relação entre sincronia e diacronia que se relacionam com os estudos feitos por Saussure em relação a gramática comparada. Saussure teve, em sua formação, aulas de gramática comparativa, em que, durante os estudos, publicou o texto *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* (1879), que compara línguas indo-europeias. Assim, observando a formação de Saussure, vê-se que rastros e marcas de Saussure são inscritos em seus manuscritos e, posteriormente, na Edição, como por exemplo as dicotomias de sincronia e diacronia. A movimentação de Saussure, observada entre a fértil Gramática Comparativa à Linguística Geral, motivou a necessidade de mudança metodológica, tornando Saussure incompreensível para os estudiosos da época. Estes traços marcaram, de fato, a fundação da linguística e a movimentação de Saussure na fundação da linguística enquanto ciência.

Entre a Gramática Comparativa e a Linguística Geral, Saussure se depara entre uma balança, em que, inconscientemente, deixa o sujeito do desejo falar mais auto e, assim, desloca-se para outro espaço – a consolidação da linguística. O corte feito por Saussure possibilitou que inquietações formigassem estudiosos, alunos e seguidores para que, posteriormente, pudessem discutir e publicar sua obra, dando concretude à ciência Linguística. Conforme salienta Silveira (2007, p. 75) “a gramática comparativa é aquela que se oferece ao corte, sem o qual não haveria a linguística moderna”, ou seja, vê-se a grande importância que teve a gramática comparativa na formação do sujeito Saussure e, conseqüentemente, na construção da consolidação da linguística.



Segundo Silveira (2007) alguns autores relatam dificuldades na leitura da Edição. Para De Mauro (1986 apud SILVEIRA, 2007) Saussure deixou para suas últimas aulas as lições sobre o valor, já que para tal explicação necessitaria que os alunos estivessem empenhados em um de seus “pontos mais árduos”. Logo, por ser a mais conflituosa para Saussure, os editores tiveram dificuldades na edição, esforçando-se para manter as verdades instauradas pelo mestre genebrino. Mesmo assim, com tantos esforços para a manutenção das (in)verdades Saussurianas, observa-se, segundo Silveira (2007), a sinuosidade dos manuscritos e, portanto, o caráter inacabado da Edição.

As marcas buscadas por Silveira (2007) se encontram impregnadas nos equívocos. Silveira (2007) faz seu recorte a partir da obra de Jacques Lacan, psicanalista que faz uma (re)leitura da obra de Freud e, com a linguística, observa os equívocos dos sujeitos na/pela linguagem. O inconsciente, apoiado aqui por Lacan, atua nas rasuras, nos lapsos e, por consequência, nos resquícios deixados por Saussure. Então, neste trabalho, Silveira (2007) busca nos equívocos, nas rasuras, na constituição do sujeito – linguagem, as marcas do movimento Saussuriano. Na perspectiva Lacaniana, o sujeito é desejoso da verdade e que se expressa por meio do inconsciente, fato que é analisado nos rastros, nos recalques deixados por Saussure. Assim, Silveira (2007) busca compreender como estes rastros, emergidos pelo equívoco, foram transmitidos para o Curso de Linguística Geral. Contudo, vê-se que os equívocos foram considerados como verdades para editores, já que a Edição foi consumada a partir dos próprios esquivos e rasuras de Saussure e, a partir desta empreitada, emergiu como uma fênix a linguística, tomando corpo, voz e lugar.

O capítulo II, intitulado O movimento de um linguista: Saussure entre o indo-europeu, os anagramas e a ordem própria da língua, aborda o nó borromeano e a posição de Saussure em relação a Gramática normativa. Assim, este capítulo, apoia-se na teoria Lacaniana sobre o Real, o Imaginário e o Simbólico que estão, intrínsecos, no pressuposto do nó borromeano. Este, por sua vez, está ligado aos estudos comparatistas do indo-europeu, dos anagramas e da ordem da língua, tornando estes fatores nós para a teoria de Saussure, visto que estes não desdão os nós. Um constitui o outro e o outro o constitui, desta maneira, torna-se impossível a desconstrução do nó, ou da separação em gavetas. Todos colaboram com o desenvolvimento do outro, assim se instauram os pensamentos de Saussure – engendrados.

É impossível separar o nó borromeano, pois, segundo Milner (1987 apud SILVEIRA, 2007) não há como desfazer um dos elos, sem que, ao mesmo tempo, os dois outros sejam liberados. Logo, vê-se o entrelaçamento entre os estudos de Saussure que, de certa maneira, não permitem o



corte e, muito menos, a repartição – todos representam algo uno: os estudos Saussurianos. Assim, observando o nó borromeano, compreende-se que a indivisibilidade dos estudos de Saussure deu a autoria de toda uma teoria e não, apenas, de um livro, como menciona Silveira (2007).

A formação de Saussure foi muito importante para o desenvolvimento de suas teorias. Sabe-se que, com sua formação nos estudos históricos, Saussure tira elementos importantes para estudar a sincronia. Em relação aos anagramas, segundo Milner (1987 *apud* SILVEIRA, 2007) Saussure foi silenciado, já que não apresentavam certos conteúdos (faltosos). Saussure, perpassado pelo Real da língua e dos anagramas, procurou dar outras voltas para trabalhar com os anagramas. Milner (1987), ainda, afirma que o inconsciente de Saussure não começa nos estudos dos anagramas, mas sim em todo seu estudo:

Tal é, acredito eu, a chave de Saussure enquanto sujeito: sua loucura, na verdade, não começa nos anagramas, ela já está no Cours - é o mesmo movimento que o conduz a querer sustentar através do diferencial, o Um no seio dos equívocos sonoros do verso latino e no seio de toda língua possível. O Cours, reconhecido pelos universitários, e as folhas de poética, ignoradas por eles, proferem a mesma frase – aquela que, sem dúvida, articulava o desejo de Saussure (MILNER, 1987, p. 106-107).

Portanto, nas teorias desenvolvidas por Saussure, vê-se que o inconsciente se movimenta no equívoco, na rasura, nos escritos, na dúvida, na loucura [...]. Ou seja, o *Curso de Linguística Geral* é marcado pelo desejo de Saussure, expressado, sobretudo, em seus lapsos.

Nos estudos voltados à língua, observa -se que Saussure muda de posição em relação a gramática comparativa, dando valor aos estudos focados para a língua, que mais tarde se emanciparia como o objeto de estudos da nova ciência, a linguística. Este deslocamento de Saussure, em suma, possibilitou a ordem própria da língua. Porém, intimidado por tal ineditismo, Saussure se limita a publicação de cunho comparatista, o *Curso de Linguística Geral*, segundo Silveira (2007), foi capaz de transmitir seus pensamentos e teorias, mas com rasuras e falhas. Saussure, ainda conforme Silveira (2007), é desejoso, por isso convive entre a convicção e dúvida. Assim, Saussure é movimentado pelo inconsciente e, portanto, pelo equívoco e pelo desejo de verdade.

O último capítulo é dedicado a análise das marcas Saussurianas no trabalho preparatório para ministrar uma conferência. Nesta oportunidade, Saussure se coloca enquanto linguista e, assim, é possível observar suas marcas e seu movimento. Além da *Première Conférence*, interessa



para Silveira (2007) a materialidade constitutiva dos manuscritos, que para a análise do discurso constitui o corpus de análise desta vertente teórica.

Sobre o trabalho Saussuriano, segundo Silveira (2007), Saussure é movido pelo trabalho, denominado por ela como trabalho do sonho:

A segmentação desse termo permite encontrar a palavra labor como um indicativo de que há um trabalho sobre o sonho, a ser realizado a partir da fala. Para nós, houve um trabalho na fundação da linguística e ele não se fez sem deixar não só seu produto, mas também as marcas desse movimento. (SILVEIRA, 2007, p. 116)

Saussure era obcecado pela perfeição e dava aos seus apenas o que tinha plena convicção da verdade (lapsos). Tal fato, é visto em cartas com seus colegas e, até mesmo, no que diz respeito a suas publicações que, na realidade, quase não foram feitas, devido ao seu desejo de verdade, movido pela dúvida e inconsciente. Portanto, Silveira (2007) se posiciona frente as inquietações de Saussure, analisando as rasuras que não descansam em paz e que levam a exaustão de Saussure.

Diante de tantas ansiedades e dúvidas, compreende-se que não há um Saussure verdadeiro, visto que em mais de dez mil folhas não se enxerga um Saussure uno ou verdadeiro. Conforme diz a autora:

Normand (2000) chega mesmo a dizer que a busca pelo verdadeiro Saussure pode vir a implantar o “terrorismo dos manuscritos”. Sendo assim, mesmo correndo o risco de decepcionar aqueles que leem este capítulo, é preciso dizer que em quase dez mil folhas escritas por Ferdinand de Saussure não revelam o verdadeiro Saussure. Mesmo nos manuscritos não se encontra um Saussure uno. Ele se divide entre o saber já estabelecido e aquele que não pode dizer, pois ainda não tem existência discursiva (SILVEIRA, 2007, p. 118)

A explicação para tal afirmação se encontra na constituição do sujeito, dado que o sujeito, neste caso Saussure, está em constante constituição e, assim, transforma-se a partir das relações e das experiências. Este sujeito, como já dito em outros momentos, é constituído pela linguagem, portanto está em movimento a todo momento, logo não há como constatar um Saussure uno, pois vive a constituição e (re)novação.

Investigando as marcas e as rasuras de Saussure em seu movimento há, ainda, outro texto que compila os escritos de Saussure, de autoria de Bouquet e Engler: *Écrits de linguistique générale* que exclui as rasuras e os equívocos de Saussure, objetivando não levar o leitor ao duvidoso ou



incompleto. O texto respeita ao máximo os manuscritos e, portanto, exclui-se todas as rasuras, marcas estas do inconsciente e do sujeito Saussuriano, constituído pelo movimento. Porém, neste material não se enxerga o Palimpsesto Saussuriano, em que é possível ver suas escritas anteriores no tecido, não tendo o conhecimento das angústias e dualidades de Saussure.

As rasuras, para Silveira (2007) são importantes, já que promovem diversos caminhos a serem seguidos e, logo, várias interpretações e não confusões. Para tanto, para a análise das rasuras, por meio da psicanálise Lacaniana, releitura de Freud, importa como ele escreveu, inclusive o que rasurou.

A tensão Saussuriana se posiciona em suas rasuras, sobretudo, na necessidade de posicionar o linguista diante da linguagem e da ciência linguística. Tal dualidade é observada na utilização das palavras *legitimité*, *but*, *intérêt* e *utilité*, que, por fim, se concretiza com a seleção expressão *leur legitimité*, demonstrando o deslocamento de Saussure e sua ressignificação em relação a suas rasuras e dúvidas. Ainda na incerteza, não se encontra em nenhuma edição o lugar de *la langue*, inquietação que movia Saussure.

Nesta dúvida, de Lemos (2000 *apud* SILVEIRA, 2007) afirma que Saussure deu uma direção e ordenou a linguística enquanto ciência, mesmo demonstrando tantas incertezas e modificações em seu pensamento e em sua escrita. Por fim, Silveira (2007) salienta que só é possível observar o movimento Saussuriano por meio das rasuras e da *errância* do autor, em virtude de o movimento se mostrar a partir do inconsciente.

Nem tudo se resolveu e, para Silveira (2007) a conclusão vai contra os princípios de seu livro e da linguagem, que é incompleta. Entretanto é importante observar que os manuscritos de Saussure, principalmente suas rasuras, ao mesmo tempo que são tecidos abrem inúmeras fendas e necessitam reelaborações. O trabalho de Saussure é tecido sobre uma báscula, entre o saber e o não-saber que está intrínseco na posição do sujeito, ou seja, tramita entre na mudança, sendo este o próprio movimento – a mudança constitutiva.

Segundo Silveira (2007, p. 145), as marcas do movimento Saussuriano mostram sua autonomia, mas, muito além disso, apresentam que “seu trabalho na fundação da linguística não começou no comparativismo e terminou na sincronia. Não começou nas aulas e termina na edição. Não começou nos anagramas e terminou a teoria do valor”. Conseqüentemente, a obra de Saussure está, em consonância com a constituição do sujeito, em constante modificação, rasura e (re)edição.



A obra de Silveira (2007), por fim, é original e traz grandiosas informações e discussões para o linguista em formação. Observa-se que a contribuição teórica da autora é de suma importância, uma vez que apresenta um estudo inédito, pelo viés discursivo, sobre os manuscritos Saussurianos. As reflexões propostas por Silveira (2007) não se limitam apenas a uma corrente teórica, mas são abrangentes e podem ser apreciadas por todas as vertentes da linguística, posto que o *Curso de Linguística Geral* é a ponte de partida de todo linguista. Assim, vê-se que as contribuições da autora sobre Saussure ultrapassam os limites do Real, alcançando o imaginário e o simbólico, possibilitando sempre a (re)significação dos enunciados e das teorias, (re)vivendo, assim, os manuscritos cunhados por Ferdinand de Saussure.

### Referências bibliográficas

- CORACINI, Maria José Rodrigues Faria. Os blogs escolares e a escrita de si: entre a redação escolar e os diários virtuais. In: Coracini, M. J.; Mascia, M. A. S. A.; Uyeno, E. Y. (Org.). Da letra ao píxel, do píxel à letra. 1ed. Campinas: Mercado de Letras, 2011, v. 1, p. 27-46.
- CORACINI, Maria José Rodrigues Faria. A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilingüismo e tradução. Campinas: Mercado de Letras, 2007.
- DERRIDA, Jacques. A Farmácia de Platão. Rio de Janeiro: Iluminuras, 2005.
- FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- MILNER, Jacques-Alain. *O amor da língua*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.
- SAUSSURE, Ferdinand de. Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes. BG Teubner, 1879.
- SILVEIRA, Eliane Mara. As marcas do movimento de Saussure na fundação da Linguística. Campinas: Mercado das Letras, 2007.